

A FUSÃO ENTRE A IMPRENSA, O FOLHETIM E OS RELATOS DE PATROCÍNIO COMO FORMA DE INTEGRAR E DISTRIBUIR CONSCIÊNCIA SOCIAL NO BRASIL

Wolney Madeiro Rocha¹

Quinta-feira, 22 de agosto de 1878.

Viagem ao Norte: Sistema de distribuição de socorros

“A adversidade ameaçadora, a eterna mãe dos critérios dos povos, infligia tormentos cruéis, e desdobrava-se, ainda que embrionariamente, em ameaças à propriedade e à vida”.

José do Patrocínio

INTRODUÇÃO

A expedição ao Nordeste partiu no dia 10 de maio de 1878, com duração de 90 dias. Um trajeto que percorreu as capitais de Maceió, Recife, Salvador e João Pessoa, além de vastas áreas do Estado do Ceará, incluindo Fortaleza.

O intuito era relatar um outro lado nordestino, e principalmente a rígida seca que assolava a região cearense e trazia miséria para um povo que caiu no esquecimento pelos representantes do próprio país. O designado para essa missão foi o jornalista José do Patrocínio. Trabalhando como redator para o jornal *Gazeta de Notícias*, um diário de apenas três anos de circulação, porém o mais moderno do Brasil. Patrocínio foi incumbido da viagem da Corte ao Ceará, e não só presenciou a desgraça dos retirantes nas vias por onde passou, como também as catalogou e, posteriormente, publicou seu romance *Os Retirantes*.

No decorrer do trajeto, fez dez crônicas intituladas de *Viagem ao Norte*, que enviadas por telex tinham a função de repassar seus escritos em forma de folhetim para a *Gazeta de Notícias*, onde cada vez mais adeptos ao hábito da leitura de jornais surgiam. Mas, um dos maiores problemas do ser humano em reformular certo estigma cultural, que na época era a falta de informação e desinteresse do Sul com a fome e a seca nordestina, é convencer um número importante de pessoas e repassar essa informação até o momento da ruptura

¹ Wolney Madeiro é aluno do quinto período de Relações Internacionais da Faculdade Damas.

do conceito vigente e assim buscar apoio por melhorias, como condições mínimas para a sobrevivência dos retirantes e um suporte incisivo no crescimento de todas as regiões do país.

Assim sendo, Patrocínio junto com a experiência da viagem ao Nordeste e ajuda da *Gazeta de Notícias* como divulgadora de suas crônicas impulsionou aos moradores da Corte uma nova atitude para com as outras regiões do Brasil, que aparentavam um processo de descentralização agravante.

Inconformado com a pobreza e a miséria que a viagem ao Nordeste lhe apresentava, o seu desafio estava em perpetuar o choque da realidade que presenciou na viagem como estímulo para transformações sociais e revigorar um Brasil descentralizado, onde só existia um mesmo povo teoricamente, já que as diferenças entre as regiões eram gritantes. Em um ponto Patrocínio se destaca: seu mérito estava na habilidade de cativar os leitores através da imprensa, o único meio da época que despertava a opinião, como afirmava o historiador Néelson Werneck Sodré². E através do jornal, não só divulgou sobre a seca como também estimulou ideias republicanas e abolicionistas, que se instalaram literalmente no Brasil uma década depois.

Diante da sociedade brasileira do século XIX, Patrocínio possuía meios de divulgação limitados se comparado atualmente, ou seja o desafio só aumentava. A tecnologia da imprensa da época se dava com parques gráficos que se limitavam a uma tiragem de 18.000 exemplares. Viajar, só de vapor ou de trem. A comunicação se dava por cartas e telégrafos. Além disso, as proporções continentais do Brasil impossibilitavam uma troca rápida de descobertas e reflexões com todas as regiões do Império. Só para efeito de análise, se trezentas mil pessoas habitassem a cidade do Rio de Janeiro no ano da seca no Ceará, apenas seis mil eram leitoras fiéis, ou seja, apenas 2% da população, e segundo o Censo Populacional de 1872, o Rio de Janeiro apresentava a maior taxa de alfabetizados em todo o território nacional.

Mas Patrocínio tinha duas vantagens. A primeira eram os escritos do gênero folhetim, dando dramaticidade e impactando os leitores da *Gazeta*. Sua percepção aguçada, com

² SIMÕES, 2007, p. 49

mistura de literatura e realidade, prendia a atenção dos leitores com suas crônicas em um assunto importante: a experiência dos retirantes com a seca.

A segunda vantagem era o jornal, que mesmo com uma proporção mínima de leitores e o conhecimento pairando nas mãos da elite³, teve uma importância inimaginável no crescimento do país. Sem a Imprensa, a falta de informação sobre o povo isolaria culturas e dividiria o Brasil. Mesmo sendo um instrumento burguês, os lucros da Imprensa possibilitavam que viagens como a de Patrocínio fossem custeadas, dando credibilidade e inspiração aos textos. Vale salientar que os únicos meios que datavam conhecimento na época, ou eram os diários ou os livros, e o *Gazeta de Notícias* além de publicar os trechos de *Viagem ao Norte* de Patrocínio, continuamente informava sobre os problemas da seca na primeira página do jornal.

Patrocínio aproveitou a Imprensa e a técnica de escrita folhetinesca para o sucesso de seus escritos e ideais políticos. Por isso as duas merecem destaque já que mostram a evolução do acesso à informação e sua utilidade no Brasil do século XIX.

1. A PRIMEIRA FERRAMENTA: A IMPRENSA

Com apenas três anos de existência a *Gazeta de Notícias* publica sua nota de aniversário:

Sexta-feira, 2 de agosto de 1878.

Primeira página, segunda coluna

A Gazeta de Notícias

A Gazeta de Notícias completa hoje três anos de existência, isto é três longas datas de labor e de preocupações.

Começada modestamente, dependendo tão só de seus minguados recursos, unicamente ao público deve o que hoje é, e o pouco mais que esperar ser.

Acredita ter cumprido os deveres de imprensa livre, alheia às paixões e às intrigas de particulares e imparcial nas contendas partidárias.

³ Burgueses, padres, magistrados e quem tinha acesso a livros importados eram os leitores da época.

Disso não se orgulha, e sim tem a calma satisfação de haver sido leal ao público do qual somente tira a sua seiva e ao tempo que a inspira e impõe-lhe as ideias.

Nas lutas dos partidos não tem tomado lugar, mas porque é só do público e pelo público, porque só tem a vista o bem da Pátria, tem sido jornal de opinião o que é o mesmo que dizer: a guarda, o tribunal, e o asilo de todos os direitos e de todas as queixas fundamentadas na justiça.

As censuras de interessados que almejam uma Imprensa muda, e portanto condescendente, e portanto de má fé e parcial, responde a Gazeta que atravessando o país, uma época de crise, crise na política, crise nas finanças, crise no direito, crise social, faltará ela as suas obrigações não dizendo o que pensa e o que lhe parece melhor.

Quem sustenta este jornal e quem nele escreve é o público, e a política da gazeta é uma só: o bem da nação de par com o seu progresso moral e intelectual.

A Gazeta não tem ódios nem paixões, inútil é dizer que não se aluga nem se vende, e afiança com prazer e honra que nenhum dos seus escritores tem preocupações ou veleidades políticas.

Que o público e o tempo permitam-lhe ser o que almeja: um jornal concorde com a civilização do mundo e com as aspirações da pátria.

Como um veículo de informação, os jornais, especialmente a *Gazeta de Notícias*, proporcionaram um meio para que José do Patrocínio relatasse em suas crônicas a maior seca que já assolou a região do Ceará e o terrível sofrimento de uma grande parcela de nordestinos.

A história dos retirantes, até então deixada ao léu pela Corte brasileira, era pouco conhecida. Nômades sertanejos que fugiam da terra natal em busca de sobrevivência e passavam fome em condições sub-humanas não eram tão divulgados. A *Gazeta de Notícias* e a viagem ao Nordeste de Patrocínio foram bastante oportunos: juntaram a seca com os relatos *in loco* dos retirantes, repassando assim informações fiéis e reveladoras do que realmente se processava na região.

O interessante, que para conquistar novos leitores a *Gazeta* compreendia - assim como a maioria dos outros jornais brasileiros do século XIX - um caráter multiforme, as publicações não seguiam um padrão e até chacotas na primeira página do *Diário* são observadas. Uma delas, machista, mostra a mentalidade do público alvo da época:

Quinta-feira, 25 de julho de 1878.

Primeira página, quarta coluna

Pergunta: - Quando a gente tem de se casar, qual deve escolher de preferência: uma mulher alta ou uma mulher pequena?

Resposta: - Uma mulher pequena, por que de dois males o menor.

Mas mesmo assim, não rejeitavam temas importantes, inclusive o da seca de 1878:

Terça-feira, 13 de agosto de 1878.

Primeira página, primeira coluna

São péssimas as notícias do Ceará com relação à seca. Os jornais conservadores denunciam inúmeros os fatos escandalosos de roubos e abusos praticados por comissões e indivíduos, cujos nomes mencionam, encarregados da distribuição dos socorros do Governo. E o mesmo que, diz o Jornal do Recife, não vai muito tempo faziam as folhas liberais, que estavam então na oposição, de maneira que a dar-se crédito a umas e outras não ha gente honrada nos encarregados de tal serviço. No Rio Grande do Norte continua o estado de miséria já conhecido.

Aos poucos, os jornais ganhavam lugar no Brasil e a informação sem censura florescia para facilitar a liberdade de expressão, principalmente porque um dos maiores empecilhos para a proliferação da Imprensa era o escravismo da época, como o Prof. Ricardo Japiassu Simões⁴ cita no livro *História em Lampejo*:

Além do rigor da Coroa portuguesa no jugo sobre as terras d'além mar, outro fator provocou questionamentos quanto a proliferação da imprensa: o escravismo dominante era infenso à cultura. Portanto, economicamente, a instalação de uma imprensa tornava-se inviável.⁵

A posição de temor e obediência da Imprensa, ao longo do tempo, foi substituída por intimidações e agressividade. Cada vez mais, a *Gazeta de Notícias* se assemelhava a uma Imprensa "atrevida".

Segunda-feira, 13 de maio de 1878.

Primeira página, segunda coluna

A imprensa nunca há de ser dominada.

⁴ Ricardo Japiassu Simões é escritor, jornalista e professor da Faculdade Damas.

⁵ SIMÕES, 2007 , p. 24

Podem impôr-lhe lei de excessão, podem fazer tudo quanto quizerem, porque ela há de reagir contra todas elas.

A imprensa como instrumento pode ser boa e pode ser má.

É como todos os instrumentos

[...] Que é a imprensa no sentido que as tomamos?

É uma liberdade como qualquer outra.

[...] Para mim basta-me ser sujeita as leis da palavra”.

Afonso Rodrigues Sampaio (15 de janeiro de 1866)

A *Gazeta de Notícias* possuía vários mecanismos para atrair novos leitores, desde os alfabetizados aos alfabetizáveis. As técnicas utilizadas para isso eram as mais variadas. Para dar um caráter dinâmico ao jornal, os redatores selecionavam um espaço para as *nouveautés* (novidades): desde debates internacionais, escândalos sobre o Império, estatísticas populacionais, obituários, teatros, almanaques, problemas municipais, até ocorrências da rua e folhetins rondavam a pauta. Um destaque especial para os folhetins, pois este espaço dava oportunidade para romancistas e poetas como Raul Pompeia, Arthur Azevedo divulgarem seus livros diariamente, e o próprio Patrocínio lançar suas crônicas de viagem:

Sábado, 20 de julho de 1878.

Viagem ao Norte: no Ceará

A bordo do paquete, quando ainda assistíamos à vagarosa submersão da Veneza brasileira no seio do oceano, ouvi conversarem minuciosamente acerca dos homens da seca. Comparava-se com a grandeza serena da rainha das cidades do Norte a decadência prematura da provincela do Ceará.

Outro mecanismo bastante popular da imprensa para atrair o público eram os *fait divers*: uma expressão francesa com dois significados. O primeiro, no sentido jornalístico, entende que *fait divers* é uma categoria que mistura literatura com informações diversas sobre fatos do cotidiano. José do Patrocínio utilizou essa técnica nas crônicas *Viagem ao Norte* para chamar a atenção do leitor.

Por exemplo, primeiro eles antecipam que haverá uma divulgação de Patrocínio no outro dia:

Sexta-feira, 02 de agosto de 1878.

Primeira página, segunda coluna

Publicaremos amanhã um folhetim do nosso colega José do Patrocínio, que se acha no Norte.⁶

Ocupa-se com os abarracamentos dos retirantes na Fortaleza e o modo porque são feitas as distribuições de víveres e dinheiro.

Fixando a lembrança no público alvo, publicam o material no outro dia, e na mesma crônicas palavras chaves como miséria e fome:

Sábado, 3 de agosto de 1878.

Viagem ao Norte: Abarracamentos e pegadorias dos retirantes na Fortaleza

É aí a cidadela da miséria onde a resignação da penúria ouve sem protesto as calúnias da fartura, a cobardia da necessidade curva-se humilde à tirania da inclemência, e a anarquia da fome sussurra a sua impotência em súplicas, em lágrimas e maldições em voz baixa.

Debaixo d'essas palhoças em sórdido relaxamento, a população retirante espera que soe a hora em que pertencerá aos coveiros e ao esquecimento.

Há ainda abarracamentos em que a promiscuidade vai aniquilando as últimas recordações da vida em família.

Como nos pagodes brahamânicos, as mulheres entram aí para prostituir-se.

Encontram-se nos vaivéns preguiçosos as redes das moças menores de vinte anos com as de homens, cujo conhecimento as pobrezinhas fizeram nos rigores da adversidade.

Ainda que a imaginação lhes vagasse então após a lembrança das quimeras do primeiro amor, abortado violentamente pelo infortúnio, não lhes seria permitido corarem ante a profanação; o pudor na miséria apenas provoca risadas.

Já o segundo sentido para *fait divers* pode ser denominado como um acontecimento que é publicado diversas vezes e periodicamente na Imprensa. Assim, essas repetições

⁶ Vale salientar que no século XIX o Brasil só era dividido nas regiões Norte e Sul.

acabam sendo absorvidas inconscientemente pelo leitor, por causa do enorme número de vezes que ele a lê. Isso aconteceu no *Gazeta de Notícias* para divulgar um trabalho de Patrocínio:

28, 30, 31 de maio, e 1 de junho de 1878.

Primeira página, segunda coluna

Mota Coqueiro ou a pena de morte, por José do Patrocínio. Este romance, que bastante nomeada adquiriu, acha-se a venda no escritório d'esta folha, pelo preço de 1\$500. para as províncias o preço é de 2\$, indo registrado pelo Correio.

Percebam que a mesma informação foi publicada quatro vezes seguidas e nos mesmos padrões. De fato, um *fait divers* original. E José do Patrocínio acabou aproveitando dos dois sentidos da expressão francesa muito bem. Em *Os Retirantes*, misturando literatura com uma realidade cultural, e com ajuda da *Gazeta de Notícias* valorizando o seu trabalho como escritor, já que a mesma imprensa recorria diariamente a apresentação do livro *Motta Coqueiro* para seus leitores, divulgava as crônicas e informava novidades sobre o seu trajeto no Ceará.

A Imprensa tornava-se um instrumento de divulgação poderoso e trabalhava cada vez mais para expressar seu pensamento, principalmente político, desde ideias republicanas e abolicionistas até os que ainda defendiam a Monarquia. A *Gazeta de Notícias* se empenhava em repassar reflexões de democracia e cidadania, minando cada vez mais o Império. E em relação aos problemas sociais, lá estava Patrocínio com seus contos dramáticos e reveladores sobre a vida trágica dos retirantes na seca de 1878.

Abaixo uma importante publicação sobre a partida de Patrocínio da Corte ao Ceará:

Segunda-feira, 13 de maio de 1878.

Primeira página, segunda coluna

Segue hoje para o Ceará, no vapor nacional Pará, o nosso companheiro de redação José do Patrocínio.

Os [...] horrores por que tem passado ultimamente aquela infeliz província, os dramas de miséria que ali se têm repetido, despertaram no nosso distinto colega os desejos de apreciar de perto tão horrível situação, e face com tais elementos um livro, que há de

necessariamente comemorar tão triste acontecimento, e ser ao mesmo tempo mais uma do talento do festejado autor de *Motta Coqueiro*.

É louvável e pouco vulgar o espetáculo do jovem escritor, que se arrisca a tão incômoda viagem para escrever com verdadeiro conhecimento de causa.

A empresa da *Gazeta de Notícias*, a quem ele comunicou os seus desejos, resolveu comissioná-lo nessa província, resolução que trará uma dupla vantagem para os leitores desta folha: a de notícias exatas e minuciosas acerca do estado da população daquela parte do Império, e a publicação do livro do nosso companheiro, a que desejamos feliz viagem.

É de fácil percepção notar que quem tinha vontade de viajar ao Ceará, era José do Patrocínio. O interesse não vinha especificamente da *Gazeta de Notícias*. Mesmo o diário financiando a viagem, o intuito de relatar as desgraças dos retirantes veio do redator, mostrando seu desejo de transformações para um Brasil evoluído. Além disso, a prioridade dada à seca naquele ano era altíssima, tanto que todas as notícias sobre os retirantes e a Província do Ceará foram publicadas na primeira página da *Gazeta de Notícias*. Em relação aos outros estados do Nordeste, a situação da seca não era tão crítica e a maioria das novidades era destacada diretamente na área folhetinesca do jornal.

A *Gazeta de Notícias* tinha uma capacidade adaptativa incrível, pela sua tendência multiforme. Seguindo linhas jornalísticas bem diferentes, o jornal variava de quatro a oito páginas e possuía seis colunas, onde a parte de anúncios às vezes chegava a ocupar metade do texto impresso e as notícias eram publicadas aleatoriamente e despadronizadas em relação a tema e sua relevância. Assim, dava-se a chance de entreter o leitor das formas mais diversas, aumentando a reincidência de que eles voltassem a comprar o diário frequentemente e continuassem informados sobre os assuntos relevantes para os pensadores do diário como a seca, o abolicionismo e a República.

Os leitores da *Gazeta de Notícias* se deparavam com temas políticos, mas também com vários outros assuntos que viravam ótimas fontes de pesquisa, e isso aumentava ainda mais o leque de interesses que o jornal disponibilizava aos seus leitores.

Exemplos de fonte de pesquisa jornalística do diário *Gazeta de Notícias*:

Sábado, 3 de agosto de 1878.

Primeira página, quinta coluna

Durante 27 dias do mês próximo indo, foi a Biblioteca Municipal frequentada por 747 leitores, que consultaram 967 obras, sendo de manhã 520 leitores e 683 obras e a noite 227 leitores e 284 obras. Sobre: teologia 5, jurisprudência 10, ciências e artes 341, belas letras 353, história, geografia, viagens, etc: 127, jornais, revistas, mapas, enciclopédias, etc. 131.

Nas línguas portuguesas 519, francesa 427, italiana 1, espanhola 7, latina 1, inglesa 2, grega 1, tupi 6 e bunda 8.

Quarta-feira, 7 de agosto.

Primera Página, oitava coluna

No Brasil ha 685 municípios, incluindo o da Côrte, 225 cidades, 460 vilas, 1556 parcerias e 20 curatos.

Quarta-feira, 7 de agosto de 1878.

Segunda página, segunda coluna

Na Alemanha a duração do trabalho dos meninos de 12 a 40 anos é limitada a seis horas por dia e no máximo de dez horas para os rapazes maiores de 16 anos. Na França, na Bélgica e na Inglaterra as fábricas de fiação podem empregar meninos de 8 a 9 anos.

Quarta-feira, 7 de agosto de 1878.

Primeira página, sexta coluna

Na última sessão do Congresso dos Estados Unidos foram apresentados nada menos de seis mil e tantos projetos de lei. Só passaram 800.

Domingo, 14 de julho de 1878.

Primera página, sexta coluna

A capital do Canadá, Montreal, tem uma população de 142.000 almas.

A Austrália, possui Sidnei com 135.000 habitantes e Melborne 250.000

A Grã-Bretanha ostenta ainda mais de 90 cidades cuja, população varia entre 50 e 100.000 almas.

Sexta-feira, 9 de agosto de 1878

Primeira página, quarta coluna

No Indostão os corpos que não são queimados são atirados ao rio.

Domingo, 28 de julho de 1878.

Primeira página, quarta coluna

Na China, a semente de melancia é um dos mais importantes artigos alimentícios.

O fato de a *Gazeta de Notícias* publicar informações do estrangeiro provavelmente provocava na maioria dos leitores brasileiros uma vontade de mudanças no próprio país como também na política internacional. José do Patrocínio e os jornais da época utilizaram muito bem essa vantagem já que a sede de conhecimento dos novos leitores brasileiros advindos das Faculdades de Direito e Medicina estimulava práticas diferentes no combate a problemas sociais desde a seca e a miséria nordestina até o fim da escravidão.

Observa-se que de 1876 a 1880 um dos tristes assuntos jornalísticos foi a seca do Nordeste, que inclusive virou um cenário para expor a ideia de um Brasil decadente e desestruturado. A perspicácia de Patrocínio estava em utilizar a mídia jornalística em sua forma mais eficaz, não só relatando mas também moldando a informação de uma forma atrativa aos olhos de seus leitores com o gênero folhetim. Unindo a literatura, a imprensa e seus ideais políticos, José do Patrocínio obteve sucesso em repassar opiniões desconcertantes sobre a miséria nordestina.

Terça-feira, 23 de julho de 1878.

Viagem ao Norte: Ruas e praças de Fortaleza

Criancinhas nuas ou seminuas, com os rostos escaveirados, cabelos emaranhados pelo pó das longas jornadas, com as omoplatas e vértebras cobertas apenas por pele ressequida, ventres desmesurados, pés inchados, cujos dedos e calcanhares foram disformados por parasitas animais, vagam sozinhas ou em grupo tossindo, a sua anemia e invocando com voz fraquíssima o nome de Deus em socorro da orfandade.

Após as carroças que rodam pesadamente com a carga de sacos de farinha, seguem essas desventuradas ajuntando o rascunho que fica nas calçadas.

Outras andam de cócoras limpando com os dedos sujos, que chupam avidamente, os pingos de mel escapos às fendas dos barriletes. Outras ainda, com a perícia de uma ninhada de pintos, levam horas ciscando o lixo da rua para descobrirem grãos de milho, de arroz e farinha que guardam solícitamente em pedacinhos de pano imundo. Suprema alegria, porque é a satisfação da natural glotonice infantil, é para as infelizes o encontro de um bagaço de cana, repassam-no como duas moendas de modo a aproveitar alguma gota de suco que lhe restava.

Se este é o estado da infância, não menos doloroso é o dos homens e das mulheres.

2. A SEGUNDA FERRAMENTA: O FOLHETIM

O folhetinista, na sociedade, ocupa o lugar de colibri na esfera vegetal; salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espaneja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política.

Machado de Assis⁷

Enquanto a imprensa era o meio utilizado para o descarrego de informações, e os *fait divers*⁸ junto com o leque variado de temas rondavam a pauta para atrair mais gente, a sessão do jornal que mais se destacava na arte de cativar os leitores era a área dos folhetins. “Dos gritos e da miséria humana”, era uma das alcunhas dada ao gênero folhetinesco e define muito bem o que esse estilo literário procurava enaltecer. Em um dos trechos da crônica de viagem de Patrocínio, há a prova dessa dramaticidade na situação de um garoto faminto:

Sábado, 20 de julho de 1878.

Viagem ao Norte: No Ceará

Estava sobre uma calçada, estirado à porta de uma venda, um rapaz que teria catorze anos. Infiltrava-o inchação monstruosa, dando-lhe a amarelidão da oca. Cobriam os andrajos sórdidos, e imobilizava o torpor da inanição.

Acercamo-nos eu e outros companheiros e perguntávamos ao infeliz porque não se recolhia ao hospital.

- Não nos mandam para lá, nem há hospital para gente como eu: sou retirante. Os meus companheiros vivem como eu, até que a sua hora é chegada.

⁷ ASSIS, 1997, p. 959

⁸ Repetição de conteúdo ou mistura literária com fatos da realidade.

- E porque não vai para a sua casa? Estaria ao menos abrigado.

- É o mesmo que estar aqui; dormimos debaixo dos pés de pau. O lugar onde durmo fica distante daqui e não tenho forças para subir a ladeira. Há já quatro dias que não como!

A fraqueza da voz, o descomposto da fisionomia certificava-nos de que falávamos com um moribundo, e a vizinhança do túmulo impõe o amor à verdade.

Um dos meus companheiros apressou-se em socorrer o desgraçado e trouxe-lhe umas bolachas e um pouco de vinho com água e açúcar.

O mísero ergueu-se trêmulo sobre os punhos, e escancarou a boca ávida, e quando o encostaram à parede, queria engolir tudo de uma vez. Em vão quiseram obrigá-lo a guardar metade da provisão; comia, comia sempre.

Deixamo-lo entregue à glotonice, filha da miséria.

Em 1878, no ano da seca, acontecia a terceira fase do romance-folhetim, onde a consciência social e o exagero amplificador de características, personagens e ambientes transformavam o gênero folhетinesco em uma ótima ferramenta para atrair o gosto popular. Tanto que era considerado uma escrita destinada às classes mais humildes da época e a vantagem de se ter uma Imprensa destinada à maioria facilitava que o legado da viagem de Patrocínio fosse, aos poucos, sendo introduzida na população.

O folhetim não era unívoco, fechado. Tinha-se uma história a qual se inscreve na história, como afirma Marlyse Meyer⁹. Essa característica possibilitava a fusão da realidade com a criação de um romance, exatamente como aconteceu no livro *Os Retirantes*, de José do Patrocínio. Assim, ao mesmo tempo que introduzia um enredo instigante contava a história trágica dos sertanejos famintos esquecidos pela Corte. E enquanto que o folhetim atraía novos adeptos e fincava o seu habitat natural na Imprensa, a população se tornava cada vez mais informada.

A relação entre Patrocínio e essas duas ferramentas: a imprensa como meio divulgador e o folhetim como forma de despertar o interesse do povo, abriu espaço para uma nova conscientização social e ideais políticos. A seca foi um dos temas que mais rondaram a pauta na *Gazeta de Notícias* no ano de 1878, e Patrocínio foi fundamental para relevar a importância do assunto no Brasil. Um dia depois da volta de Patrocínio do

⁹ Meyer, 1996, p. 18

Nordeste, o jornal publicou dois trechos na primeira página sobre o que se passava no Ceará:

Terça-feira, 13 de agosto de 1878.

Primeira página, primeira coluna

No Rio Grande do Norte continuava o estado de miséria já conhecido.

Terça-feira, 13 de agosto de 1878.

Primeira página, oitava coluna

Chegou ontem do Ceará o nosso companheiro de redação José do Patrocínio.

Começaremos por estes dias a publicar os apontamentos que trouxe de sua viagem àquela província.

Depois da volta de José do Patrocínio, a *Gazeta de Notícias* até então, só tinha publicado metade das crônicas *Viagem ao Norte*. Num total de dez, as outras cinco foram divulgadas durante os meses de agosto e setembro, a primeira após a sua chegada já começa trágica. A situação no Ceará não parecia melhorar:

Quinta-feira, 15 de agosto de 1878.

Viagem ao Norte: Estradas do Ceará

A tragédia da vergonha nacional, representada no Ceará, tem por cenário todo o vasto território da desventurada província.

Fecham-se-lhes todas as portas, cerram-se-lhes todos os corações, e quando os infelizes, invocando o nome de Deus a entes cristãos, suplicam-lhes uma migalha, ouvem apenas com maior ou menor delicadeza uma negativa desconsoladora.

O gênero folhetim, precursor da telenovela, de fato era desconcertante e acaba ocupando definitivamente o seu espaço nos jornais. No entanto, o problema da seca persistia, tanto que na última crônica *Viagem ao Norte*, Patrocínio se limita a reafirmar veemente a situação dos retirantes:

Quinta-feira, 12 de setembro de 1878.

Viagem ao Norte: Administração Aguiar

Não cabe na estreiteza do plano, que infelizmente dei a este trabalho, entrar nos pormenores da administração, que foi mais violentamente combatida no Ceará; mas se vale alguma coisa a palavra de honra de um moço que nada afirma sem ter observado, ou sem ter documentos irrefutáveis em que se baseie, invoco-a para dizer ao meu país que a mais revoltante injustiça foi feita ao conselheiro Aguiar por aqueles que o combateram desapiedadamente.

As praças, as ruas de Fortaleza atulharam-se de milhares de famintos, de extenuados, de enfermos e moribundos, e o cemitério recebeu diariamente centenas de mortos.

Mesmo sem uma solução imediata para a seca, a viagem de José do Patrocínio e as publicações da *Gazeta de Notícias* impulsionaram mudanças na mentalidade da Corte. Desde 1874, ano de lançamento do periódico brasileiro mais moderno da época, a *Gazeta de Notícias*, já fazia oposição à Monarquia e à escravidão de uma maneira muito mais acessível à população em geral e sem sofrer censura de Dom Pedro II - um pouco mais de uma década depois, as duas já estavam extintas. No entanto, no caso dos retirantes, um dos maiores benefícios adquiridos das crônicas *Viagem ao Norte* e o romance *Os Retirantes* de Patrocínio foi a união pelo sofrimento dos leitores do Rio de Janeiro com os próprios nômades sertanejos de um Nordeste em apuros, integrando um Brasil em retalhos diante de um acontecimento que sem ajuda da Imprensa, do folhetim e do viajante Patrocínio provavelmente passaria despercebida a situação calamitosa do Ceará em 1878.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

José do Patrocínio era exemplo de um tríade eficaz: foi literato, jornalista e político. Uma mistura de funções que se encaixavam e que para a época trouxe bons frutos para a sociedade brasileira.

A Imprensa funciona como meio divulgador e perpetuador da história e provou sua capacidade de intervir na vida social do Brasil com suas informações datadas e relidas até os dias atuais. Sendo o jornal uma das brechas que ajudaram a integração brasileira no século XIX, e também fonte de conhecimento nacional e internacional, é difícil argumentar contra sua importância no país, que até nos dias de hoje se mantém de pé.

Enquanto isso, a terceira fase¹⁰ do romance folhetim que Marlyse Meyer introduz a temática “desgraça pouca é bobagem”¹¹, já que quanto mais miséria era escrita mais o gosto popular atraía, serviu de inspiração política e social, como no caso dos folhetins *Cartas Portuguesas*, *Semana Política* e *Xávier de Montépin*, todas publicadas na *Gazeta de Notícias*. E também *Viagem ao Norte* de José do Patrocínio, que com aspectos do regionalismo, já que focava os infortúnios de determinado grupo (sertanejos cearenses) e as mazelas da natureza (a falta d’água e comida), introduzia para a poluição uma realidade angustiante que fomentava ideais de mudanças para a sociedade da época.

Portanto, a Imprensa era o acesso das novas verdades e o folhetim o entretenimento que proporcionava o despertar de curiosidades nos seus fiéis leitores. Assim, José do Patrocínio, junto com essas duas ferramentas e ideias políticas e sociais como o republicanism, abolicionism, e especificamente, a história dos retirantes e a seca, interuiu na sociedade brasileira em situações de caráter crítico e de urgência, reintegrando um Brasil dividido. E a prova está nos documentos do passado, que deixam as marcas do sofrimento dos retirantes e a comoção dos leitores, que a distância viviam aquela história.

REFERÊNCIAS

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PATROCÍNIO, José. *A Ponte do Catete*; organização Ricardo Japiassu Simões. Recife: Auto-Imagem, 2003.

PATROCÍNIO, José. *Os Retirantes*. São Paulo: Editora Três, 1973.

SIMÕES, Ricardo Japiassu. Recife: *História em Lampejo: ensaio sobre os primórdios da imprensa no Brasil*. Recife: Cepe, 2007.

SIMÕES, Ricardo Japiassu. Recife: *O roubo das joias da Imperatriz*, 2002.

¹⁰ De 1871 à 1914.

¹¹ MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. pg. 18

SODRÉ, Néson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

Microfilmes da Gazeta de Notícias do ano de 1878.
(Acervo de Ricardo Japiassu Simões)